

*O que é a Pedagogia Sistemática
e como ela pode ajudá-lo?*



Décio Fábio de Oliveira Júnior

Wilma Costa Gonçalves Oliveira

Hellen Vieira da Fonseca

Prefácio

Se você está lendo essas linhas é porque um dia uma professora me ensinou a escrever e outra te ensinou a ler. Quase sempre nos esquecemos desse fato quando crescemos e o tempo passa. Através do exercício diário desse trabalho, o mundo cresce.

Todos devemos muito às escolas, professores, pedagogos, diretores, auxiliares de serviço, bedéis, e todas as pessoas que trabalham numa escola. Eles abriram para nós um universo.

A história humana é separada da pré-história quando surge a escrita e com ela, a possibilidade de transmitir o conhecimento e mantê-lo sem a necessidade da transmissão oral. Isso começou no há 3100 A.C. e continua até hoje.

O crescente acúmulo de informação e conhecimento pela humanidade permitiu coisas inimagináveis para os nossos antepassados e vem modificando, de forma incrível, a maneira como vivemos e como nossos descendentes o farão.

Cabe aos professores e seus auxiliares ajudarem, aqueles que necessitam aprender, a dar significado a essa informação, saber usá-la bem, e retransmiti-la aos seguintes.

Nesse caminho existem muitos desafios que se sucedem, mas parece que o momento atual da humanidade apresenta um ainda maior: a velocidade na qual as transformações sociais acontecem está se acelerando!

A nova geração de professores e pedagogos se sente muitas vezes despreparada para ensinar dentro de um contexto social tão mutável e diferente a cada instante!

Pais que já não vivem mais juntos, os celulares e seu impacto na comunicação entre os alunos, a disponibilidade de conteúdo na internet em tempo real e em quantidade ilimitada, o desinteresse por matérias ensinadas na escola, a violência dentro e fora da sala de aula, dificuldades de relação entre a escola e a família e dentro da própria escola, o desafio das drogas ilícitas entre os alunos...

Para lidar com isso, necessitamos também de uma metodologia que nos ensine a relacionar melhor.

A Pedagogia Sistêmica nasce nesse tempo e oferece possibilidades de ajudar em cada um desses âmbitos.

Seja bem-vindo!

Décio Fábio de Oliveira Júnior
Belo Horizonte, 3 de Março de 2014.

Índice

Prefácio - 03
Introdução - 05
A história da Pedagogia Sistêmica - 06
Origem - 06
Como aplicar? - 06
Prazos - 07
Resultados - 07
As 3 leis descobertas por Bert Hellinger - 08
Dois tipos de amor e lealdade - 09
O equilíbrio entre o dar e receber - 09
O pertencimento - 11
Relatos de experiência de atendimentos em consultório médico e ambulatorial - 13
Caso 1 – “Estou escutando seu coração” - 13
Caso 2 – “Eu não aguento mais esse menino...” - 13
Caso 3 – “Meu pai é muito importante para mim...” - 14
Relatos de experiência em escolas - 16
Placas de respeito e reconhecimento - a ordem hierárquica - 16
Aplicação da metodologia sistêmica num curso de formação para professores do ensino especial - 17
Aula dos nomes - 17
Planejamento - 18
Uma aluna especial - entendendo o nosso lugar - 19
A experiência de uma diretora de escola com a Pedagogia Sistêmica - 20
História: A festa - 22
Troca de liderança - a ordem - 23
Referências Bibliográficas - 25
Créditos - 25
Os autores - 25
Maiores informações - 27

Introdução

Esse livreto pretende ser uma amostra daquilo que a Pedagogia Sistemica pode ser em termos de ajuda para professores, pedagogos, diretores, pais e outras pessoas ligadas ao amplo tema da educação, especialmente quando envolve crianças.

Coletamos aqui algo da experiência prática dos autores com atendimentos de situações dentro e fora da escola e em situações reais, vividas. Isso nos aproxima de você, nosso leitor.

Nos colocamos abertos ao novo e lançamos nossa proposta de ir ampliando esse livro conforme nosso caminho se amplia e possamos então, englobar mais pessoas nesse caminho de amor e soluções.

Os alunos não são mais como antes...

A evolução tecnológica mudou a forma como os conteúdos didáticos eram transmitidos, e muitos professores ainda não se adaptaram a esse novo modelo.



Ensinar apenas conteúdo já não tem a mesma importância de antes...

O desafio de manter os alunos desafiados e atentos exige uma nova visão sobre os relacionamentos humanos e forma de ensinar. A velocidade das coisas é outra, mas os relacionamentos continuam sendo o grande desafio. A alma humana não mudou.

Porém, mais do que nunca, a violência urbana, a desestruturação das famílias, as drogas e diversos outros desafios se apresentam como questões que necessitam ser adequadamente compreendidas pelos protagonistas do sistema escola-família-aluno.

É dentro desse marco e com o coração cheio de esperança e firmeza que a Pedagogia Sistemica vem oferecer a cada pessoa que a procura um rumo simples e novo, com amor!

Seja bem vindo!

A história da Pedagogia Sistêmica

Origem

A “Pedagogia Sistêmica” originou-se a partir dos trabalhos do filósofo e professor alemão, Bert Hellinger. Sua carreira como missionário católico na África do Sul durante quase 20 anos lecionando em escolas para os zulus, durante o regime do apartheid, colocaram-no em uma perspectiva ímpar para identificar questões de conflito e consciência. Mais tarde seu desenvolvimento pessoal o levou a estudar e praticar uma vasta gama de abordagens psicoterapêuticas, a saber: psicanálise, análise transacional, hipnoterapia Erickssoniana, terapia primal, Gestalt, esculturas familiares, análise de histórias, etc. Seus trabalhos o levaram a descobrir a natureza da consciência pessoal e das leis inconscientes que ditam o comportamento humano em grupos familiares e sociais, as quais denominou inicialmente “ordens do amor” e mais recentemente “leis naturais dos relacionamentos humanos”. Mais tarde diversos professores e pedagogos iniciaram a aplicação do método na área educacional, sendo a contribuição mais relevante feita inicialmente por Mariane Franke-Gricksh, a qual escreveu um livro denominado “Você é um de nós” (publicado no Brasil pela Editora Atman –www.atmaneditora.com.br) e o grupo do Centro Universitário Doctor Emílio Cárdenas (CUDEC), em Thalnepantla, México. Depois disso a abordagem se difundiu pelos países de fala espanhola, especialmente México e Espanha.

Como aplicar?

Esse é um tema crucial na abordagem. Tratando-se de uma abordagem filosófica em primeiro plano, a Pedagogia Sistêmica não é na verdade uma metodologia em si. Ela mostra como muitas das intervenções desenhadas para solucionar problemas na relação escola-aluno-família falham devido ao desconhecimento das leis inconscientes que governam o grupo familiar. Mostra ainda como é possível, através do conhecimento dessas leis, atuar de forma simples e marcante, atingindo os objetivos propostos. Nesse sentido, a abordagem não exclui nenhuma metodologia já existente e aproveita todas as formações e conhecimentos progressos do corpo docente e dirigente da escola. Apenas, através do referencial novo propiciado pela abordagem podemos re-enquadrar as intervenções dentro de um referencial mais efetivo.

Um exemplo simples: em muitas situações familiares o pai está excluído. As razões são várias e não vem ao caso aqui discuti-las. Porém, Hellinger descobriu que num nível muito profundo as crianças são totalmente leais aos pais e especialmente quando esses são excluídos, desvalorizados e condenados. Isso significa que se permitimos que esse pai seja olhado também na escola como “mau”, “inapropriado”, “ausente” etc. não teremos nunca um apoio da criança em qualquer intervenção pretendida. Pelo contrário, se respeitamos seu destino e nos colocamos numa posição de neutralidade respeitosa, respeitando “na criança” seu próprio pai, então teremos um bom terreno onde trabalhar nossas intervenções.

A aplicação, portanto, consiste em treinar o corpo docente na visão dessas relações e leis inconscientes de

forma que todo seu trabalho seja permeado pela visão das relações que perpassam o universo da criança. Assim, em cada momento a professora, orientadora, pedagoga etc, terão em seu campo de visão como intervir sem ferir as leis sistêmicas e assim ter mais chance de sucesso em seu trabalho.

A abordagem pode ser feita em grupos grandes, praticamente sem limite de número, trabalhando com casos de supervisão ou casos pessoais. Isso gera grande alavancagem na capacidade de aprendizagem para os docentes e orientadores.

Prazos

A efetividade da abordagem é decorrente da abertura que as pessoas têm e também de suas necessidades. Normalmente, quanto maior a necessidade, maior a disposição para a mudança.

Os prazos também são uma decorrência dessa abertura e necessidade. Como regra geral precisa-se de tempo para que os treinandos possam pôr em prática sua nova percepção, entre cada módulo de treinamento e isso significa pelo menos cerca de um ano de treinamento com programas de 4 módulos de 18 horas.

Resultados

Temos recebido relatos de alunos de nossos Treinamentos Básicos que nos encorajam a seguir estendendo essa abordagem com um foco específico para pessoas que lidam com crianças.

Também, existe uma grande experiência acumulada em centros da Espanha e México. Nesse último país, sede do 1º Congresso Internacional de Pedagogia Sistêmica, um centro educacional se sobressai – CUDEC. Não temos números, mas uma prolífica quantidade de relatos em revistas nacionais desses dois países.

No Brasil

A experiência nacional é virtualmente ainda muito escassa. Dado o fato de o método ser muito jovem e a difusão ainda não ter atingido o país de forma extensa, temos ao momento alguns cursos esparsos em algumas cidades no Brasil, notadamente no Paraná, Brasília, Minas Gerais e São Paulo. Até o momento não foi feita nenhuma grande investida de envergadura para levar o trabalho adiante em escala social. Temos recebido relatos de alunos de nossos Treinamentos Básicos que nos encorajaram a seguir estendendo essa abordagem com um foco específico para pessoas que lidam com crianças. E também, a posição de liderança do IBHBC, no tocante à difusão dessa abordagem no Brasil, nos levou a propor algumas iniciativas desde 2006, que culminaram com a formalização do primeiro curso de treinamento em 2014.

As 3 leis descobertas por Bert Hellinger

A grande descoberta de Bert Hellinger foi que a nossa consciência que fica leve e pesada obedece a 3 leis naturais que são observáveis em todos os grupos humanos, seja uma família, uma escola ou uma empresa.

Elas são:

O pertencimento

A ordem hierárquica

O equilíbrio entre o dar e o tomar

Quando essas leis são violadas surgem problemas no grupo, que secretamente e inconscientemente busca restaurá-las.

A seguir, apresentaremos ao leitor alguns exemplos práticos de acontecimentos vividos em escolas e que apontam como esses princípios se aplicam no dia-a-dia das escolas.

Os efeitos das leis num grupo

Esses movimentos são simples e intuitivamente reconhecidos de forma universal. Hellinger trabalhou em todo o mundo e verificou sua universalidade transcultural. Observou ainda dois movimentos inconscientes que atuam fortemente no grupo. A saber:

- Quando alguém é excluído e tem seu pertencimento negado, um integrante do grupo que vem depois (muitas vezes uma criança, filho ou sucessor) assume sem saber e por lealdade inconsciente sintomas e comportamentos da pessoa previamente excluída.
- Quando a ordem hierárquica de chegada num grupo não é respeitada e aqueles que vem depois se sentem no direito de criticar, julgar ou queixar-se dos anteriores então acabam por repetir o que criticaram, fracassam, adoecem ou ficam paralisados.



Os menores num sistema tendem a seguir o destino dos anteriores...

Dois tipos de amor e lealdade

Esses movimentos surpreendentes observados por Bert Hellinger e depois por estudiosos que o sucederam como Mariane Franke, Angelica Olvera Malpica e outros, se devem ao fato de que num grupo existe uma forte lealdade coletiva, especialmente dos menores em relação aos anteriores.

Esses movimentos podem ser descritos como um desejo de seguir o destino de um antecessor ou mesmo "trocar de lugar" com aquele, assumindo algo em seu lugar, como um sentimento, uma doença, ou mesmo querendo morrer pelo outro.

Hellinger chamou esse movimento de "amor cego", pois aquele que repete o destino de um antecessor apresenta algumas características importantes:

- Sente-se "inocente" em relação a seus atos.
- Fica aliviado quando seu movimento de amor pelo excluído é revelado.
- Não dá importância aos efeitos que seus atos tem sobre o amor dos outros por ele mesmo.
- Está quase sempre pouco consciente do amor dos outros por ele.
- Sente que seu auto sacrifício trará algum benefício para terceiros ou para o grupo.

Em contrapartida, Hellinger mostrou que quando esse indivíduo percebe o malogro desse movimento, ao mesmo tempo em que reconhece o amor de outros por si, transita para um "outro amor" que ele denominou de "amor que vê", ou ainda "amor adulto".

O equilíbrio entre o dar e receber

O relato abaixo foi extraído da prática de uma amiga que tendo trabalhado há anos em escolas no ensino fundamental foi apresentada ao trabalho de constelações em 2005 através de nosso instituto. Baseado nas leis do amor descritas por Bert Hellinger, essa amiga, que atuava como orientadora em uma escola, viu-se um dia frente a uma situação corriqueira: duas alunas do 1º. ano brigaram e uma delas bateu na outra.

Foi um tapa que a primeira (aqui vou chamá-la de Ana) deu na segunda (aqui vou chamá-la de Camila), e as duas foram levadas à orientadora.

Seguiu-se a seguinte história:

Camila: Ela me bateu e doeu muito!

Orientadora (para Ana): Você agora pode ver que a Camila está chateada com você e com razão. Olhe para ela... Quando a gente bate nos outros é assim, tem consequências.

Ana: Mas ela falou algo comigo que eu não gostei...

Orientadora: Bem, só por causa disso você não tem o direito de bater nela. Veja: agora ela está muito

chateada com você. Você quer isso?

Ana: Não! Eu gosto de brincar com a Camila.

Orientadora: Bem, Camila, você pode ir. A Ana ainda vai ficar aqui comigo.

(Após a saída da Camila)

Orientadora: Sabe, entre duas pessoas sempre existe uma troca. Você dá uma coisa boa e recebe outra. Você dá uma coisa ruim e recebe outra. Você agora tem que pagar pelo que fez à Camila se deseja realmente que as coisas entre vocês duas fiquem bem de novo.

Ana: Tia, mas eu não tenho dinheiro!

Orientadora (rindo): Não se trata de dinheiro, a gente paga de muitos modos... Você logo, logo vai compreender. Me procure mais tarde...

Mais tarde Ana procura espontaneamente a orientadora.

Ana: Tia, a Camila não quer mais brincar comigo. Eu pedi a ela, mas ela disse que não queria mais brincar comigo. (Começa a chorar baixinho).

Orientadora: É claro! Lembra o que eu lhe disse antes? Ficar sem brincar com ela é parte do "preço" que você tem que pagar por ter batido nela...

Ana: (Chorando baixinho) Mas eu gosto dela... tia, é minha melhor amiga...

Orientadora: Ok. Amanhã poderemos resolver isso. Vá para casa, sua mamãe está te esperando...

No outro dia, a orientadora chama as duas para uma nova conversa. Coloca-as frente a frente novamente, de forma que ambas possam ver uma a outra.

Orientadora: Ana e Camila, vocês sempre brincaram juntas, e ontem vocês brigaram, sendo que a Ana bateu em você Camila. Mas ela me procurou ontem ainda e me disse que estava sentindo falta de voltar a brincar com você, Camila. Você tem algo a dizer Ana?

Ana: Sim, tia. (Para Camila) Eu sinto muito que eu bati em você. Eu queria voltar a brincar com você.

Camila: Eu estava com raiva, mas agora eu estou bem. Agora eu quero brincar com você de novo. Eu também sinto muito que eu xinguei você.

Orientadora: Certo! Vão brincar então!

Comentário

Habitualmente quando há um conflito na escola a estratégia muitas vezes do orientador é buscar a reconciliação através do "perdão" e do "pedido de desculpas".

Quando olhamos para essas tentativas, à luz das leis do amor que Hellinger descobriu, percebemos que essa abordagem viola o equilíbrio no dar e tomar. O agredido é quase que obrigado a "perdoar" o agressor, e com isso sofre o dano e ainda tem que arcar quase sozinho com as consequências. Ele então fica com raiva. Na superfície talvez "perdoe" mas na realidade não. O conflito persiste, e o que é ainda pior, subjacente. O agredido permanece com um desejo secreto de vingança. Também o agressor é "humilhado", pois não pode se manter "igual". É de certa forma como que forçado a se "diminuir" perante o agredido.

Hellinger mostra que num conflito assim o agressor tem não apenas o dever de reparar, mas o direito de fazê-lo e o agredido tem não só o direito de exigir reparação, mas o dever de fazê-lo, a bem da

reconciliação. Porém se o agressor não quer, não pode ou não sabe como reparar, por exemplo fazendo algo bom ao agredido, então é adequado que o agredido "dê um troco" um pouco menor do que aquilo que lhe foi feito, a fim de restabelecer o equilíbrio no dar e tomar. Aqui nesse exemplo fica claro como a agredida deu um "troco" um pouco menor ao se recusar a brincar com a "agressora". E como isso abriu as portas para uma rápida reconciliação. A orientadora, ao mostrar à parte agressora as consequências de seus atos e permitir que ela arcasse com as consequências, não tentou forçar uma reconciliação antes da hora, mas permitiu que as leis do amor atuassem por si, o que resultou uma solução "natural" e simples.

Esse é um relato que acredito ser útil a muitos educadores no Brasil que estejam desejosos de aplicar os princípios da Pedagogia Sistêmica segundo Bert Hellinger no âmbito de suas escolas. Observem que não houve a necessidade de procedimentos complicados e nem mesmo a execução formal de uma constelação familiar para que a solução fosse atingida, o que mostra a simplicidade dos princípios da abordagem sistêmica fenomenológica desenvolvida por Bert Hellinger.

O pertencimento

"Todas as crianças são boas, e seus pais também".

(Bert Hellinger)

Alguns exemplos das possibilidades da abordagem de Bert Hellinger às dificuldades encontradas por pais, professores e profissionais do ensino.

Uma das grandes dificuldades por que passam as famílias hoje em dia é quanto a crianças que não vão bem na escola. Tais crianças recebem frequentemente rótulos diversos, conferidos a elas por médicos, pedagogos, psicopedagogos, psicólogos, psiquiatras, professores e outros. Os nomes são variados: "disléxicos", "síndrome do déficit de atenção", "hiperatividade", "lento para o processo pedagógico", ou simplesmente "encapetado" ou "difícil".

Tais nomes e diagnósticos remetem a um repertório de medidas de apoio e ajuda, medicações e outros tipos de propostas de solução cujos resultados são muitas vezes desanimadores.

No rastro de tantos rótulos e pontos de vista sobre as "causas" do problema, encontramos pais desesperados e professores impotentes frente a algo que muitas vezes é tomado como "sem solução", mesmo que isso não seja dito abertamente.

No silêncio de sua alma, os professores e os pais frequentemente se acusam mutuamente pelo problema da criança, gerando uma postura que dificulta ainda mais o diálogo claro e a busca de soluções possíveis. Este livreto não visa propalar uma panaceia ou solução imediatista e fácil para algo que é grande, complexo e multifacetado. Mas busca ser uma singela contribuição onde pais e professores possam buscar alguma

orientação, quando talvez as ferramentas já utilizadas não tenham funcionado tão bem.

O trabalho pioneiro de Bert Hellinger e de outros que seguiram seus passos e aplicaram sua metodologia ao campo da educação e das escolas tem mostrado como os acontecimentos familiares remotos ou próximos afetam profundamente a alma da criança e como muitas vezes é possível, com uma postura apropriada, encontrar uma solução simples (mas nem sempre fácil) para problemas de aprendizagem e comportamento inapropriado na escola.

Existe hoje literatura apropriada em português sobre o tema, especialmente o livro de Mariane Franke – *Você é um de nós*, ed. Atman (www.atmaneditora.com.br). Sugerimos ao leitor interessado que busque mais informações nesse excelente livro.

Relatos de experiência de atendimentos em consultório médico e ambulatorial

Por Décio Fábio de Oliveira Jr

Relataremos alguns casos que surgiram de nossa experiência com a abordagem de Hellinger em alguns atendimentos de consultório e ambulatório.

Caso 1 – “Estou escutando seu coração”

Uma menina aparentemente saudável de 12 anos, foi trazida ao ambulatório de pediatria da rede pública (onde eu atendia) devido a problemas de “dificuldade de aprender” e “dores no peito”, acompanhada de sua tia, irmã da mãe.

O exame clínico não revelava nada de especial ou específico. Para todos os fins parecia uma criança normal, exceto pelo olhar um pouco triste e distante. O exame cardiológico era normal, mas apesar disso solicitei um RX de tórax e um eletrocardiograma.

No retorno, vendo que os exames eram normais, me surgiu a ideia de perguntar mais sobre a família da criança. A tia me relatou que a menina estava morando com ela para poder estudar, pois os pais viviam numa zona rural distante, onde não havia condições para que frequentasse a 6ª. Série. Contou ainda que ela só ficava feliz quando ia de férias para a casa dos pais e que ela chorava muito quando devia voltar para a escola ao final das férias. Já estava morando com essa tia há 1 ano e meio e ia mal na escola nos últimos 6 meses.

Percebendo então o amor dessa criança pelos pais, resolvi fazer uma intervenção. Pedi a ela que se deitasse na maca de exame e auscultei novamente seu tórax com o estetoscópio. Então olhei seriamente para ela e disse “Estou escutando seu coração e ele me disse algo muito importante – um segredo!”. A menina arregalou os olhos e perguntou surpresa, completamente séria e crédula: “O que ele disse pro Sr.?” “Ele me disse que anda doendo de saudade dos seus pais” respondi.

A menina me olhou seriamente, sem nada dizer, mas com olhos cheios de lágrimas. Então acrescentei “Mas o seu coração também me contou o quanto a sua mãe fica feliz por você ter a oportunidade de estudar e ter uma vida mais leve que a dela, mesmo quando ela fica um pouquinho triste por estar longe de você.” A menina me olhou bem nos olhos e disse: “É verdade?”. Eu disse a ela: “O seu coração pode falar mais com você do que comigo – pergunte a ele!” Ela ficou em silêncio alguns instantes, sentou-se na maca e depois sorriu abertamente, me deu um abraço espontâneo e desceu da maca. Sentou-se ao lado da tia e disse: “Podemos ir embora – estou boa agora.”

As dores no peito desapareceram e a criança deixou de apresentar quase imediatamente dificuldades na escola.

Caso 2 – “Eu não aguento mais esse menino...”

Uma mãe trouxe o filho de 11 anos para uma sessão de aconselhamento. Entrou quase aos gritos e tão logo fechou a porta atrás de si, empurrou o menino para o assento e começou imediatamente a falar bem

alto: “Eu não aguento mais esse menino... e não sou só eu ..., a professora não aguenta, a orientadora não aguenta, a diretora não aguenta, ninguém aguenta... e eu estou aqui hoje com o Sr. como a última

esperança. Se o Sr. não puder fazer nada, eu desisto!”. Pedi à mãe para se sentar e olhei detidamente para ambos, especialmente para o menino, sentado em silêncio, que me olhava visivelmente amedrontado. A minha impressão imediata foi de simpatia por ele. Fiz algumas perguntas sobre os hábitos dele, tentando evitar focar no comportamento difícil. A mãe, entretanto, não estava disposta a olhar para mais nada exceto o lado “ruim” do filho. Fiz então a pergunta “clássica” nesses casos: “Onde está o papai dele?”. Veio então a resposta “clássica”: uma sequência de palavrões e insultos ao homem. Disse ainda que ele era caminhoneiro e que a havia abandonado com o menino quando esse tinha 3 anos.

Solicitei de imediato e com muito tato que o menino aguardasse na sala de espera enquanto eu “conversava sobre um assunto de gente grande com a mamãe”.

Tão logo o menino se retirou eu perguntei à mãe sobre fatos importantes da família de origem dela. Ela me contou então que tanto a mãe dela quanto sua avó materna haviam ficado viúvas bem jovens. Eu perguntei a ela então “Como se sente uma mulher que conseguisse ficar com o marido em relação a sua mãe e sua avó que não puderam manter os seus maridos?” A mãe ficou surpresa e disse “Muito mal!”

Então eu disse a ela que imaginasse que o pai do menino estivesse num canto da sala e pedi que ela olhasse para ele durante algum tempo, em silêncio. Sugeri que eu iria dizer a ela algumas frases, que ela deveria repetir somente se “concordasse” com elas. A cliente concordou em seguir dessa forma.

A partir daí, com ela “olhando” para o marido, pedi que ela repetisse: “Eu procurei você por muito tempo até te encontrar”

A cliente repetiu a frase e disse para mim “É verdade! Eu tive muitos pretendentes, mas escolhi esse homem depois de procurar muito!”

Em seguida pedi a ela que repetisse “E eu já sabia que você não iria ficar, mas foi muito bom enquanto estive com você. Eu te amei muito” Ela repetiu isso, muito emocionada.

Eu perguntei “Você alguma vez já contou isso para o seu filho?” E ela disse “Nunca”. Perguntei se ela se importaria em dizê-lo naquele momento, ao que prontamente ela disse: “Claro que não!”

Fui então até a sala de espera e chamei o menino de volta. Pedi à mãe que dissesse a ele o que havia acabado de falar.

Ela disse ao menino “Eu amei muito o seu papai e tive momentos muito felizes com ele.”

O menino ficou muito emocionado, chorou e pulou nos braços da mãe.

A consulta acabou aí.

O menino melhorou na escola, sensivelmente.

Caso 3 – “Meu pai é muito importante para mim...”

Um dia no ambulatório de pediatria, chegou uma avó com um menininho de 5 anos para um consulta médica. O menino não parava quieto: mexia em tudo ao seu alcance – a ponto de perturbar-me a atenção enquanto tentava ouvir a avó. Essa, por sua vez, queixava-se de doenças do neto, numa sucessão interminável de sintomas... Tão logo eu solucionava uma queixa, ela iniciava outra queixa nova... Assim,

percebendo que não havia meio de prosseguir com sucesso, disse para a avó “Esse menino tem que ter um problema, não é mesmo?” E ela retrucou “O Sr. está certo, ele é muito problemático mesmo!”

Perguntei pela mãe e pelo pai dele e a avó, que era mãe da mãe, disse “O pai dele não presta!” Ao indagar a ela o significado exato disso, recebi a seguinte resposta “Ele engravidou minha filha e outra mulher quase ao mesmo tempo, deixou-a grávida e ainda por cima, usa drogas!”. Quando perguntei pelo contato que o filho tinha com seu pai, ela me disse “Graças a Deus ele não conhece o pai!”

Ciente da profunda lealdade inconsciente das crianças com os pais, especialmente se são desdenhados, criticados ou excluídos, eu então disse “Nesse caso, tenho que avisar a senhora que ele ficará igual ao pai!” A avó disse “Não diga isso doutor! Seria a pior coisa do mundo se acontecesse!”

Percebi que não haveria meio de explicar a essa avó sobre a lealdade do neto ao próprio pai. Então me veio uma ideia: chamei o menino para meu lado da mesa, pois eu ainda estava sentado de frente para a avó, na mesa de entrevista. Ele veio, tranquilo. Disse que gostaria de mostrar algo para a vovó e que queria fazer com ele uma espécie de “brincadeira”, e perguntei se ele “topava” fazer. Como a resposta foi positiva, disse a ele para olhar bem dentro dos olhos da vovó e repetir certas frases que eu iria dizer, mas ele só deveria repeti-las se o coraçãozinho dele estivesse com vontade de fazer isso. Diante da concordância do menino, e do fato de que ele imediatamente fitou a avó, de forma serena, bem dentro dos olhos, decidi prosseguir.

Pedi ao menino que dissesse “Querida vovó”. Ele repetiu bem sereno, olhando nos olhos da avó “Querida vovó”. Em seguida sugeri a frase: “Me olhe com carinho se eu tenho um grande lugar no meu coração para o meu papai – ele me faz falta”. O menino hesitou por alguns segundos e depois repetiu a frase, olhando nos olhos da avó e soltando uma lágrima silenciosa, ao mesmo tempo. A avó viu aquilo em silêncio e ficou profundamente emocionada. Depois de alguns minutos o menino foi para o colo da avó, bem quieto e se aninhou lá. A agitação e inquietude dele cessaram. A avó ficou muda. Lágrimas rolavam de sua face. Depois de um tempo, quando estendi a ela a receita para solução de algumas das queixas médicas do menino, ela me disse “Hoje o Sr. me deu uma grande lição! Vou levar meu neto para conhecer o pai dele. Afinal, se ele não tivesse engravidado minha filha, não teria esse menino, e ele é a luz dos meus dias!”

Soube depois pelo pessoal do posto de saúde que ele tinha melhorado muito no pré-escolar da creche onde estudava, tinha conhecido o pai e ficado muito mais calmo depois disso.

Concluindo, a experiência de outros e a nossa própria experiência tem demonstrado, muitas vezes, que as dificuldades escolares estão muito ligadas a processos familiares de fundo, muitas vezes a uma exclusão de um membro da família. Na experiência de consultório e ambulatório com atendimento a camadas pobres da população, o pai é figura frequentemente excluída ou gravemente desvalorizada. Acreditamos que o emprego da abordagem de Bert Hellinger ao contexto escolar pode conduzir a soluções de aconselhamento factíveis e simples, embora nem sempre fáceis. Seria vantajoso que se pudesse buscar criar meios de tornar tal abordagem disponível ao pessoal que trabalha com aconselhamento pedagógico e familiar nas escolas de todos os níveis, pois se trata de abordagem simples, não concorrente com outros métodos, muito pelo contrário, é complementar e que exige poucos recursos para ser implementada.

... “o que conta quando nosso tempo se encerra?”

O outro respondeu:

“O que conta é o antes e o depois como uma só coisa”.

Relatos de experiência em escolas

(Por Hellen Viera da Fonseca)

Placas de respeito e reconhecimento - a ordem hierárquica

Ao conhecer os ensinamentos de Bert Hellinger em grupos de workshops, com Constelações Sistêmicas familiares, venho aos poucos desenvolvendo uma nova postura que toma conta do meu dia-a-dia.

Na função de diretora de escola pública, senti que algo faltava e passei a observar como as coisas aconteciam com um novo "olhar", ... acredito que um olhar sistêmico, que veio de encontro após a leitura dos livros "A alma do negócio" de Jan Jacob Stam e "Você e um de nós" de Marianne Franke. Aos poucos, fui percebendo que o sistema escolar estava em desequilíbrio, não havia respeito pela hierarquia, a ordem estava confusa e como estou há muito tempo na escola constatei que os problemas se repetiam: as novas direções iniciavam bem, mas depois começavam os conflitos, como um filme que contava a mesma história com personagens diferentes. O dar e receber; e o reconhecimento também estavam em desequilíbrio. Existia um sentimento de que se trabalhava muito e com dedicação e se recebia pouco em troca, sentimento esse, presente em todos os setores da escola. Ao encontrar as pessoas que saíram da escola, inclusive as que se aposentaram, essas relataram a falta de algo, como se faltasse reconhecimento.

No caminho do pensamento sistêmico, no meu lugar de diretora e com um novo olhar para todos os que saíram e todos os que estavam na escola, com um imenso amor e respeito a cada um do jeito que cada um é, fazendo parte daquele contexto de relações, iniciei humildemente e devagar uma atuação sistêmica. Com uma força que não consigo explicar, mas com uma grande modificação interna acontecendo não apenas dentro de mim, mas no todo que envolvia aquela escola, vi essa atuação crescer de forma inesperada.

Algumas dessas modificações estou compartilhando em relatos de experiências que proporcionaram mudanças sensíveis no contexto e história dessa escola. Cito abaixo apenas uma delas.

Fizemos uma placa individual contendo: nome e data do período de gestão dos diretores que passaram por esta escola. Estas placas foram afixadas ao lado da placa de inauguração da escola na sequência da ordem dos dirigentes.

Construímos um templo de oração ecumênico respeitando todas as religiões.

O dia da inauguração do templo foi o mesmo dia em que homenageamos todos os diretores que passaram. Para este dia convidamos os quatro diretores anteriores, apesar de apenas o último poder comparecer, todos foram lembrados e homenageados. Foi um momento mágico onde todos alunos, professores, demais funcionários e pais estiveram presentes com uma emoção que para muitos foi inexplicável.

No momento solene da faixa de inauguração do templo e retirada do pano que cobria as placas fiz um agradecimento a todas as diretoras que vieram antes citando o nome completo de cada uma e o tempo de gestão, agradei o empenho e dedicação, a forma individual em que cada uma conduziu no trabalho, o respeito que tiveram por todos que passaram e ainda estavam na escola e que entendia que a forma com que dirigiram a escola foi a certa para aquele momento. Olhei nos olhos da diretora anterior a minha gestão, senti meus pais como se estivessem atrás de mim e pude também sentir como se os pais dela estivessem

atrás dela e senti a força dos quatro diretores que vieram antes, agradei e pedi com respeito que ela

olhasse para o meu trabalho e para tudo que eu fizesse ali naquela escola, com carinho. Fiz uma grande reverência a ela e extensiva a todas as outras que imaginei estarem atrás dela, Naquele momento senti que algo muito forte acontecia, mas não consigo descrever; apenas que meu coração estava cheio de alegria, amor e respeito pela oportunidade de viver o momento.

Hoje, quatro anos depois, sei como foi importante o que fizemos naquele dia, mesmo que muitas pessoas ainda não o entendam, iniciou-se um caminho de respeito a tudo e a todos naquela escola, onde as contribuições individuais são importantes, as pessoas passam, mas deixam e levam algo. Fica um sentimento profundo de que o benefício desse trabalho não envolve apenas funcionários, mas os alunos e suas famílias.

Aplicação da metodologia sistêmica num curso de formação para professores do ensino especial

Há muitos anos venho trabalhando com cursos de formação para professores da Educação Especial e nestes cursos minha atuação sempre esteve voltada para teoria e prática envolvendo dinâmicas que pudessem trabalhar os profissionais em um âmbito maior de reflexão. Mesmo com o pouco conhecimento relacionado ao trabalho sistêmico fenomenológico de Bert Hellinger, parece que esta postura vai tomando conta do nosso interior e nosso olhar sistêmico vai ficando cada vez mais intenso, passando a atuar com ela em todos os momentos. Humildemente, vou relatar alguns momentos onde o olhar sistêmico foi fundamental para desenvolvimento do curso.

Aula dos nomes

Nesta aula falamos da importância do ensino do nome próprio para as crianças, desde a educação infantil. Sempre inicio fazendo uma dinâmica para que os professores relacionem a teoria com a prática. Recortei em papel colorido uma camisa, do lado direito com manga e do lado esquerdo sem manga, entreguei a todos os participantes. Acharam estranha a diferença na manga, mas disse a todos que aquilo tinha um objetivo. Pedi que escrevessem em letra de forma o nome deles na parte inferior da camisa, e desenhassem no meio da camisa eles próprios, em seguida falamos sobre a importância do nome e a história de cada nome, depois pedi que escrevessem no lado direito da camisa, com manga, o nome do papai (representando o masculino) e no lado esquerdo, sem manga, o nome da mamãe (representando o feminino). Logo depois, pedi que fechassem os olhos e visualizassem o papai e a mamãe atrás deles. Alguns disseram que o pai já havia morrido e disse para visualizar assim mesmo, pois continuava sendo o pai. Depois, falamos que a força dos filhos está nos pais, que só podíamos estar hoje neste curso graças aos nossos pais que juntos nos deram a vida e também afirmamos que do jeito que eles são, exatamente assim, são os pais certos para nós. Fizemos a relação com os pais dos alunos e pedi que todos naquele momento olhassem para seus alunos. Quando olhamos para os alunos estamos também olhando para os pais dos alunos. Disse que devemos concordar com os pais dos nossos alunos do jeito que são. Claro que gerou alguma polêmica e houve alguns que se colocaram resistentes, mas disse a todos que quando iniciei a aula olhei para todos com seus pais, concordando com cada um jeito que é, ou seja, concordando com a

família de vocês do jeito que é.

“Uma criança só pode estar bem consigo mesma quando toma seus pais. Toma, é o que eu disse. Isto é, que os tomo do jeito que são e os respeito do jeito que são, sem querer ou desejar algo diferente. Exatamente do jeito que são, eles são certos. Quem toma os pais dessa forma está em paz consigo mesmo, sente-se completo. Seus pais estão presentes dentro dele com toda a força.” (Bert Hellinger, A fonte não precisa perguntar pelo caminho, ed Atman, 1ª edição, p.137).

Fizemos um mural com as camisas e ali ficou representado cada um de nós e nossa família. Depois prosseguimos com o conteúdo dos nomes próprios. Aquele momento produziu um efeito maravilhoso em cada um, bastava olhar no semblante das pessoas. A força dos nossos pais atuando conosco durante todo o curso e por toda nossa vida.

Planejamento

Uma das aulas foi dedicada ao planejamento. Como já vinha observando que muitos dos professores do curso tinham dificuldade ou resistência a planejar e outros não sabiam como fazer o planejamento e alguns até achavam desnecessário, atuei com um exercício que ajudaria na mudança de postura relacionada ao tema.

Quase no final das atividades fiz a proposta ao grupo para que fizéssemos um exercício.

– “Escolham um colega e fiquem em duplas. Agora vocês vão olhar para este colega e se concentrar”.

Muitos estavam sorrindo quando olhavam para o colega. Pedi que olhassem nos olhos do colega e escolhessem quem seria o professor.

Alguns perguntaram: - “O outro será o aluno?”. Respondi que não estaríamos trabalhando com alunos naquele momento e que um seria o professor e o papel do outro eu só esclareceria ao final do exercício. Depois que escolheram pedi que deixassem o olhar do outro atuar e que não deveriam conversar, relaxassem as mãos e que eu iria falar algumas frases para que o professor repetisse.

Para o professor: - “Eu não gosto de trabalhar com você”. “Eu tenho resistência em trabalhar com você”. “Você é desnecessário”. “Eu não sei e não quero trabalhar com você”. “Eu não concordo com você e nem com o que vem antes de você”.

Logo em seguida, pedi para que prestassem atenção no que estavam sentindo no corpo e alguns disseram que estavam se sentindo mal com o que o professor disse, outros continuavam sorrindo e diziam não sentir nada, outros diziam estar tristes como se quisessem sair daquele lugar.

Disse então a todos que iríamos refazer as frases, que se concentrassem novamente, que eles observassem o corpo e se ao final das frases sentissem vontade de fazer algum movimento, poderiam fazê-lo.

Disse então para o professor repetir: - “Eu gosto de trabalhar com você”. “É gratificante trabalhar com você”. “Você é necessário, minha resistência acabou”. “Eu quero aprender a trabalhar com você”. “Eu concordo com você e com o que vem antes de você do jeito que é”.

Em seguida, disse a eles que poderiam fazer o movimento que sentiam vontade: alguns puxaram o professor, outros se abraçaram, outros choraram. Em outros casos era o professor que puxava o outro representante e alguns continuavam sorrindo. Depois trocamos os papéis para que todos tivessem a oportunidade de ser o professor e o outro representante. Após o exercício, revelei a todos que o outro representante era o planejamento, e que eles tiveram a oportunidade de perceber onde estão as

dificuldades. Disse a todos também que o planejamento estava ali, ele queria que os professores

trabalhassem com ele, respeitando aquilo que se passou e concordando do jeito que as coisas eram, para que as mudanças pudessem acontecer. À frente do planejamento sempre haverá alguém. Sendo assim, que observassem se as dificuldades não estavam relacionadas a esta pessoa, (coordenador, aluno, colegas de trabalho, direção) e não ao planejamento em si.

Alguns alunos do curso relataram o que sentiram:

- “Quando o professor parou de falar fiquei emocionada e quis puxá-lo para mim”;
- “Quando eu terminei minha fala a vontade era de pegar o planejamento para fazer algo, parecia que ele me pedia isso, mas não sabia que o representante era o planejamento”.
- “Foi estranho, mas o meu olhar enquanto planejamento estava apaixonado pelo professor”.
- “Eu só queria rir e não consegui sentir nada”.

Estes relatos foram os que ficaram registrados. Pedi a todos que sentissem o que aconteceu com cada um, não precisavam mais relatar, mas que deveriam buscar perceber como lá no fundo aquela vivência poderia ajudá-los no trabalho...

Aquele momento foi muito importante para a continuidade do curso e para a atuação dos professores no próximo planejamento. Pude observar no decorrer do ano uma grande melhora em relação ao planejamento. Reconheço que os ensinamentos de Bert Hellinger nos abrem muitas oportunidades, quando estamos conectados a eles. Humildemente agradeço.

Uma aluna especial - entendendo o nosso lugar

“É próprio do ser humano aprender através de erros. De certa forma, nossos erros são convenientes a outros, porque estes também aprendem através deles. Frequentemente pensamos ter cometido um grande erro, mas depois verificamos que foi uma bênção “.

(Bert Hellinger)

Está experiência vivi com uma aluna muito querida que estarei chamando de “M”, sua mãe de “T” e seu pai de “P”.

“M” foi minha aluna durante cinco anos, nosso vínculo era muito forte e continuamos muito ligadas mesmo depois da mudança de professor. Uma aluna classificada como deficiente mental, com vários problemas de comportamento e relacionamento. Sempre me buscava para ajudá-la a resolver suas dificuldades, sua mãe dizia que não sabia o que fazer se um dia eu saísse da escola, pois “M” me amava e eu sabia como conduzi-la sem dificuldades. Quando assumi o cargo de diretora da escola, os conflitos envolvendo esta criança continuaram e com o tempo passou a me chamar de mãe. Percebi, muitas vezes, que fazia isso também na frente de sua mãe. Eu dizia para ela que sua mãe era a “T”, mas não adiantava. Algumas vezes, quando a mãe me entregava “M” na entrada eu dizia para ela dar um beijo na mãe e se despedir, mas ela dizia: “não. Eu gosto da Hellen, ela é minha mãe”. Sua mãe dizia que estava tudo bem, que ela era assim mesmo, mas no meu íntimo sentia algo estranho com estas colocações que se repetiam.

Em um dos workshops que participei, o facilitador colocou algumas questões relacionadas a escolas que me tocaram profundamente, senti naquele momento que este era o caminho para a solução do que estava vivendo com “M”.

Quando “M” me encontrou na escola começou a falar tudo outra vez. Disse a ela que teríamos uma conversa e que gostaria que ela me ouvisse, olhei em seus olhos, visualizei meus pais atrás de mim e visualizei seus pais por detrás dela e silencieei. Ela tentava desviar o olhar, mas acabou se concentrando. Disse para ela: - “Sua mãe é a” T “e seu pai é o” P “e graças aos dois hoje eu tenho você como aluna nesta escola, a” T “é a mamãe certa para você e o” P “é o papai certo para você, eles lhe deram a vida e tem o meu respeito do jeito que são. Eu fui sua professora, hoje estou diretora da escola e continuo gostando de você e sempre que necessário vou agir como a diretora da escola”.

No início ela estava resistente, mas depois percebi sua emoção e disse para ela: “Como você se sentiria se sua mãe dissesse para você que não queria você como filha, que queria outra filha?” Ela me respondeu com a voz engasgada: “mal”.

Naquele momento senti o fluir do nosso amor e a força deste trabalho na escola quando amamos as crianças através de seus pais. Sei que estive em uma posição de arrogância por ignorância e acredito que de forma inconsciente estava me colocando acima da mãe, como se fosse mais importante e melhor que a mãe da criança. Depois desse momento tudo se acalmou. “M” passou a me chamar pelo nome e sua mãe tinha uma expressão de alívio como se tivesse recebido a filha de volta e aos poucos foram diminuindo as idas a minha sala e ela se controlava melhor quando me encontrava.

A maioria das pessoas que trabalham com crianças especiais pensa que os pais não conseguem lidar bem com os seus filhos. Muitos professores demonstram sentimento de pena, outros inconscientemente demonstram isso em suas ações e colocações.

Segundo Hellinger, “...o professor quando vê os alunos também vê seus pais por detrás deles. Toma os pais das crianças para dentro de seu coração, independente de como sejam, pois todos os pais são perfeitos, no seu papel de pais... um professor respeita o que tem de especial em uma família, quando encontra uma criança, sem ter a fantasia de que essa família deveria ser diferente do que ela é”.

A experiência de uma diretora de escola com a Pedagogia Sistêmica

Ao iniciar o ano letivo de 2007, senti que algo me movia para fora da escola como diretora, como se a sensação fosse: “seu tempo encerrou”.

Trabalhava em uma escola pública exclusiva para crianças com Necessidades Educacionais Especiais, em Taguatinga - DF. Foram seis anos de gestão onde crescemos juntos em momentos marcantes que jamais serão esquecidos e um grande sentimento de respeito e reconhecimento foi sendo construído em todos os seguimentos da escola. Aos poucos, comecei a preparar a minha saída e da vice-diretora para julho do ano em questão. Caminhando pelos corredores da escola, olhava para cada pessoa com um profundo amor e nelas sentia seus pais, no meu íntimo agradecia a oportunidade de estar à frente daquele grupo de trabalho e daquelas crianças que me proporcionaram a oportunidade de aprendizado. Fomos concluindo o que era possível até julho e que fosse tranquilo como um encaixe no tempo do antes e do depois.

Iniciei as reuniões setORIZADAS nas onze áreas de atendimento que aconteceram no decorrer dos meses de maio, junho e julho com os seguimentos de professores, auxiliares de limpeza e portaria, membros da direção e pais dos alunos. Nestas reuniões, os assuntos eram pedagógicos, administrativos e incluso estava um trabalho de respeito e reconhecimento a todos que por ali passaram. Trabalhei com a história “A Festa”, de Bert Hellinger. Fiz a leitura da história, deixei que silenciassem por alguns minutos, algumas pessoas se emocionaram, outras queriam falar, mas evitei comentários e pedi que

deixassem a história conduzir o sentimento: “Cada um que vem traz algo, permanece algum tempo e parte”.

Em seguida dei um bonequinho de papel colorido para cada um, pedi que neste boneco escrevessem o seu nome e a data em que chegaram na escola e depois escrevessem o nome das pessoas que gostariam de prestar uma homenagem. Estas pessoas poderiam ser de momentos bons ou não, pessoas que já haviam morrido, pessoas que saíram da escola por qualquer motivo, inclusive aposentados. Que fossem escrevendo o nome de pessoas que por ali passaram desde o dia em que cada um foi lotado, que escrevessem quantos nomes tivessem vontade, pois todos pertencem ao sistema da escola e mereciam um lugar de respeito.

Algumas pessoas me perguntavam o porquê dos bonequinhos e disse a todos que eles fariam parte de um mural no enceramento do semestre. Em todos os grupos tive de conter minha emoção, pois antes de iniciar colocava meus pais atrás de mim e os pais das pessoas que participaram por detrás delas e lembro-me que no maior grupo tinha aproximadamente 50 pessoas, mas estava sentindo 150. Em meu coração 150 pessoas que eu respeitava e reconhecia, do jeito que eram e com a história que traziam. Estes momentos foram importantes para meu fortalecimento e crescimento pessoal e profissional.

Em julho, quando anunciei minha saída da direção nem eu mesma entendia a força que me acompanhava e o quanto foi leve aquele momento de despedida. Alguns professores imediatamente lembraram da história “A Festa”. Foram muitos os questionamentos com relação à calma e a paz interior em que me encontrava. Alguns chegaram a me perguntar o que realmente estava acontecendo, pois sabiam do amor que eu tinha pelos alunos e por aquele trabalho e não entendiam a minha decisão, mas em meu coração dois sentimentos tomavam conta, o reconhecimento e respeito por tudo que vivi e a alegria de passar adiante no tempo certo.

Quando estamos conectados com nossos pais e antepassados tudo fica mais simples. Desde que conheci os ensinamentos de Bert Hellinger já estava no cargo de diretora e a partir desse momento, humildemente, tudo começou a mudar nas minhas ações. Passei a olhar para a escola como um grande sistema, onde cada membro traz seu sistema individual de origem e com ele suas regras, e enquanto diretora não posso me achar melhor do que aqueles que estão sob minha responsabilidade, mas ao tomar meus pais senti uma força grandiosa e consegui ser firme sem sofrimento e sem arrogância. Sinto que devagar e com humildade, um profundo amor foi tomando conta do meu interior e se expandindo em minhas ações, mesmo com os conflitos que um sistema escolar tem, conseguimos ao poucos atuar em muitos pontos onde buscávamos com alunos, professores e demais funcionários respeitar a estrutura hierárquica da escola. O respeito que deveríamos ter pela posição que cada um ocupava, pois isso reflete diretamente nas relações do dia-a-dia. Marianne Franke relata que em sua experiência “esse reconhecimento é uma condição fundamental para permanecermos em uma posição de autoridade perante os alunos e para convidarmos os pais a se dirigirem à escola com confiança. Com essa atitude interna para com a estrutura existente determinamos diariamente, de modo essencial, a tonalidade emocional de todos os acontecimentos com nossos colegas, superiores, crianças e pais e naturalmente também as suas intenções”. (Você é um de nós, ed Atman, 2005, p.158).

No decorrer da minha atuação com um olhar sistêmico senti que ao respeitarmos a família de origem dos

alunos, dos professores e demais funcionários, nossa autoridade enquanto diretor é fortalecida e todos começam a perceber nossa liderança, e assim nossa postura muda naturalmente. Escutei muitas pessoas fazerem o comentário: “Você está tão diferente, parece que algo mudou, como se estivesse mais forte”.

História: A festa

(Bert Hellinger, No centro sentimos leveza, ed Cultrix)

“Uma pessoa se põe a caminho. Olhando à sua frente, vê ao longe a casa que lhe pertence e caminha para lá. Ao chegar, abre a porta e penetra num salão preparado para uma festa.

A essa festa compareceram todos aqueles que foram importantes em sua vida. Cada um que vem, traz algo, permanece algum tempo, e parte. Cada um traz um presente especial, cujo preço total já pagou, de uma forma ou de outra. Assim, vêm: sua mãe, seu pai, seus irmãos, um avô, uma avó, os tios e as tias — todos os que cederam lugar a você, todos os que cuidaram de você — vizinhos, talvez, amigos, professores, parceiros, filhos: todos os que foram importantes em sua vida, e que ainda são importantes.

Cada um que vem traz algo permanece algum tempo, e parte. Assim como os pensamentos vêm, trazem algo, permanecem algum tempo, e partem. Como os desejos e os sofrimentos vêm, trazem algo, permanecem algum tempo, e partem. Como também a vida vem, nos traz algo, permanece algum tempo, e parte.

Terminada a festa, aquela pessoa fica em sua casa, cheia de presentes. Junto dela só permanecem aqueles aos quais convém ficar mais um pouco. Ela vai a janela, olha para fora e avista outras casas. Sabe que nelas um dia também haverá uma festa. Também ela comparecerá, levará algo, ficará algum tempo, e partirá.

Nós também estamos aqui numa festa: trouxemos algo, recebemos algo, ficaremos ainda algum tempo, e partiremos.”

Está história penetra em sentimentos profundos. Quando fiz a leitura senti a força da atuação no contexto escolar. Hellinger diz que “Existem histórias que nos levam por um caminho. Quando nos deixamos conduzir por elas por um trecho desse caminho, elas realizam o que nos narram no mesmo momento em que as ouvimos”. (No centro sentimos leveza, ed Cultrix, p.136)

A confraternização de despedida com pais e alunos foi surpreendente e emocionante, alguns ex-alunos compareceram com seus pais, os alunos que haviam falecido foram lembrados e senti o que há de mais sincero no olhar de cada um ali presente, senti o amor dos pais fluindo através das crianças.

Em outro momento preparamos a confraternização com os funcionários atuais e convidamos todos os funcionários que por ali passaram e amigos da escola para receber uma homenagem e uma placa de reconhecimento. Parecia que estávamos revivendo o que vivenciamos ao longo de todos esses anos no movimento do tempo. Um dos momentos mais emocionantes foi quando o senhor que faz cópias das chaves recebeu a placa de reconhecimento, nós o conhecíamos por apedido, mas ele foi chamado pelo

nome completo, todos queriam saber quem seria aquela pessoa e levanta-se das últimas cadeiras um senhor todo arrumado, que humildemente se aproxima sem saber o que realmente aconteceria. Entreguei a

placa e falei do respeito e reconhecimento que tínhamos por ele, pelo serviço que ele prestava com tanto carinho e eficiência, que ele também fazia parte do sistema. O auditório aplaudiu, muitos choraram, fiquei impressionada por ver a grandeza e a força daquele homem.

Ao encerrar as homenagens agradei a meus pais por terem me dado a vida, pois graças a eles eu estava ali naquele momento e agradei aos pais de todos na grandeza de cada um, pois eles lhes deram a vida e graças a eles tive a oportunidade em conhecer cada pessoa ali e em seguida fiz uma grande reverência a todos. Eles levantaram e aplaudiram por algum tempo.

Tudo que recebi e vivi durante esses anos serão lembrados com amor e respeito, atuando como uma grande força na minha caminhada.

Quando os professores retornaram do recesso em agosto, o mural estava pronto com uma linda frase da história “O círculo” escrito por Bert Hellinger (No centro sentimos leveza, ed Cultrix, 2004 p.166). “... o que conta quando o nosso tempo se encerra? O que conta é o antes e o depois, como uma só coisa”.

Troca de liderança - a ordem

“Quando o passado é respeitado como é e como foi, sem com que ele venha a ser engrandecido ou diminuído, então o passado servirá ao futuro de bom grado”.

(Bert Hellinger)

No decorrer do ano de 2006 foi necessária mais uma troca de coordenador em uma das áreas de atendimento, muitos sentimentos vieram à luz durante a reunião, os quais não relatarei aqui, direi apenas que ficou definido um coordenador temporário até o encerramento do ano letivo.

Ao final da reunião fiz a proposta para fazermos um exercício antes de encerrarmos aquele momento. Pedi a todos os professores que escolhessem um colega e formassem uma dupla. Que ficassem de frente um para o outro e se olhassem nos olhos. Disse que eles iriam trabalhar representando outra pessoa. Pedi que decidissem quem representaria o professor e quem representaria o coordenador, que ficassem em silêncio esperando o comando, apenas olhando nos olhos.

Começamos com o representante do professor dizendo para o representante do coordenador:

-- “Eu não gosto de você”.

-- “Eu não aceito você”.

– “Eu não acredito no seu trabalho”.

– “Se estivesse em seu lugar faria melhor”.

Fiz a pergunta aos que estavam representando o coordenador: -- “Como se sente o coordenador ouvindo o que o professor disse?”

Quem estava representando o coordenador respondeu: -- “Péssimo, dói por dentro, muito mau, é horrível”.

Pedi que se concentrassem outra vez e que iríamos refazer.

O representante do professor olha para o representante do coordenador e diz:

-- “Eu gosto de você”.

– “Eu concordo com você do jeito que é”.

-- “Eu acredito em você”. “Se houver algo que eu possa fazer para colaborar com o trabalho, estou disposto”.

Perguntei a todos que representavam o coordenador como estavam se sentindo naquele momento: - “Estou emocionado, aliviado e leve; mais forte para atuar”.

Fizemos uma breve reflexão, de como nossos sentimentos poderiam estar interferindo em tudo que havíamos falado naquele dia e falamos também sobre o respeito à hierarquia e como o fato de estar feliz no meu lugar fazia tudo ficar mais leve. Foi interessante observar a recepção para o novo coordenador. Todos estavam alegres, demonstrando colaboração e respeito pelo coordenador. Como este coordenador era temporário ele ainda teve algumas dificuldades, mas para o coordenador do ano seguinte foi bem mais leve. Segundo Jan Jacob Stam, “Às vezes existem lugares sobrecarregados em uma organização, podendo ser desde uma simples função a um departamento inteiro. Qualquer pessoa que assume a função parece não dar certo ou não consegue ficar por muito tempo”. “...Um lugar pode se tornar sobrecarregado quando, por exemplo, uma pessoa deixa o emprego de maneira desagradável. Isso pode acontecer através de um infortúnio, um conflito não resolvido, um acontecimento como um acidente ou pelo falecimento do dono anterior daquela função ou ainda quando alguém simplesmente é excluído ou demitido injustamente.” (A alma do negócio, ed Atman, 2006), p.39 e 40).

Realmente estas são questões que surgem também dentro de uma escola e o trabalho sistêmico nos faz olhar para determinadas funções em que as trocas são constantes, trazendo a luz à possibilidade de soluções.

Referências Bibliográficas

1. Hellinger, Bert. No Centro Sentimos Leveza - Conferências e Histórias. Tradução: Newton de Araújo Queiroz. São Paulo, ed Cultrix, p.136 e 137, 2004.
2. Franke-Gricksch, Marianne. Você é Um de Nós – Percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos. Tradução de Décio Fábio de Oliveira Júnior e Tsuyuko Jinnó-Spelter. – Patos de Minas, ed Atman, p.158, 2005.
3. Hellinger, Bert. A fonte não precisa perguntar pelo caminho. Tradução: Eloísa Giancoli Tironi e Tsuyuko Jinnó Spelter, revisão: Wilma Costa Gonçalves Oliveira. – Patos de Minas, MG, ed Atman, p.137, 2005.
4. Stam, Jan Jacob. A alma do negócio: as constelações organizacionais na prática. Tradução de Pollyane Wiesener e Décio Fábio de Oliveira Jr. – Patos de Minas, ed Atman, p. 39 e 40, 2006.
5. Hellinger, Bert. Histórias de Amor; tradução de Lorena Richter. – Filipa Richter. – Patos de Minas, ed Atman, p.97, 2007.

Créditos

Imagens cedidas a partir da licença Creative Commons <http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/pt/>

Os créditos das fotos aqui incluídas cabem aos seguintes autores, respectivamente segundo a ordem que aparecem no texto:

http://farm4.staticflickr.com/3361/3410997657_3bdd53c890.jpg

<http://www.flickr.com/photos/mdgovpics/6685735845/sizes/m/in/photostream>

<http://www.flickr.com/photos/mdgovpics/6685735845/sizes/m/in/photostream>

Os autores

Décio Fábio de Oliveira Júnior - info@ibhbc.com.br

Nascido no ano de 1966, médico formado pela UFMG, tem pós-graduação em Cirurgia Pediátrica pela UFMG, especialização em Acupuntura e Medicina Chinesa (IBEH), além de estudos e experiência clínica em hipnose e regressão.

- I International Organizational Constellations Intensive Bergen Aan Zee – Holanda – 2004
- I Treinamento Intensivo em Constelações Organizacionais Brasil – 2006-2007
- Palestras no I Congresso Pan-americano de Constelações Familiares em 2003 - México (onde apresentou um painel sobre adoção)
- Estudos e aplicações práticas da abordagem sistêmica das restrições segundo E. Goldratt
- 9th Annual TOCICO International Conference, New York, 2011 e 10th Annual TOCICO International Conference, Chicago, 2012

Wilma Costa Gonçalves Oliveira - info@ibhbc.com.br

Nascida em 1966, enfermeira graduada pela UFMG, com pós-graduação em Sistematização da Assistência de Enfermagem pela UFMG, pós-graduação em Enfermagem do Trabalho pela Fundação São Camilo. Trabalhou em diversas unidades hospitalares nas áreas de hemodiálise, organização de unidades hospitalares públicas, hospitais gerais, ensino a profissionais de enfermagem de nível técnico.

Instrutora internacional de bio-feedback muscular, acreditada pelo Three in One Concepts (Califórnia-EUA). Participou do Congresso em Pedagogia Sistêmica, México, 2011 e Seminário Hellinger Ciencia, São Paulo, 2013.

JUNTOS

Casados a 25 anos, pais de Henrique e Clara desde 1995, que consideram como sendo suas maiores realizações! Estudaram diversas formas de bio-feedback muscular com aplicações para áreas de nutrição, correção postural, alívio do estresse emocional e psicoterapia corporal.

Participaram do I Treinamento Sul Americano em Constelações Familiares segundo Bert Hellinger com vários instrutores: Jakob Schneider, Sieglinde Schneider e Gunthrd Weber. Também puderam participar de treinamentos com: Mimansa, Peter e Tsuyuko Spelter, e mais de 350 horas com próprio Bert Hellinger.

São fundadores e diretores do Instituto Bert Hellinger Brasil Central (IBHBC), empresa dedicada à divulgação da abordagem de Bert Hellinger e organização de workshops, treinamentos, cursos de aprofundamento e seminários na abordagem sistêmica segundo Bert Hellinger em diversos estados brasileiros.

Participaram do Congresso Internacional de Constelações Familiares em Köln Alemanha 2005.

Promoveram e organizaram os III, IV e V seminário de Bert Hellinger no Brasil em 2005, 2006 e 2007.

Participaram do II Congresso Internacional de Pedagogia Sistêmica em Sevilha Espanha em 2006.

Participaram do I e II Treinamento Intensivo com Bert Hellinger e Sophie em Sevilha, na Espanha em 2008 e 2010

Participaram do Encontro de comemoração dos 85 anos de Bert Hellinger, em Bad Reichenhall, na Alemanha em 2010 e posteriormente em 2012 e 2013.

Primeiro presidente e Primeira secretária geral e fundadores da Associação Brasileira em Constelações Familiares Sistêmicas ABC sistemas.

Co-fundadores e diretores da Editora Atman editora, responsável pela tradução dezenas de livros e DVD's ligados ao trabalho de Constelações Familiares e Organizacionais no Brasil.

Membro da Global Desing Organization Associação Internacional dedicada à difusão do trabalho de desenho organizacional criado pelo canadense Elliott Jaques. Pioneiros e difusores da abordagem de Jaques no Brasil.

Organizadores e promotores do I Treinamento Avançado com Bert Hellinger no Brasil em 2008, 2009.

Organizadores e promotores do II Seminários Leis Básicas dos Relacionamentos aplicados aos negócios, com Bert Hellinger em São Paulo, 2009.

Participaram de eventos com Bert e Sophie Hellinger em São Paulo, 2012 e 2013.

Conduziram mais de 15000 horas de workshops vivenciais e treinamentos na abordagem sistêmica de

Hellinger em várias cidades do Brasil, México, em Portugal e Espanha.

Hellen Vieira da Fonseca

hellen@pedagogiasistemica.com.br

Hellen Vieira da Fonseca - Professora; Pedagoga; Mestre em Psicologia; Formada em Constelações Sistêmicas Familiares pelo IBHBC, Instituto de Filosofia Prática; Hellinger Ciência, em Pedagogia Sistêmica por Espaço Psi, Conexões sistêmicas e participação em seminários e encontros no Brasil e México. Participou do Congresso em Pedagogia Sistêmica, México, 2011

Maiores informações

Acesse o site www.pedagogiasistemica.com.br

Ou entre em contato conosco por e-mail: info@pedagogiasistemica.com.br

Esse e-book é disponibilizado de forma gratuita para uso pessoal e sem fins comerciais e pode ser distribuído da mesma forma. Nenhuma parte de seu conteúdo pode entretanto ser reproduzida, modificada ou adaptada sem expressa permissão dos autores, os quais possuem os direitos autorais, protegidos pela lei brasileira e internacional.